

# A transferência de recursos

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, afirmou ontem que, após os acertos internos da economia, o governo quer o apoio dos banqueiros internacionais para receber a transferência de recursos do País para o exterior. Ele defendeu a normatização do mercado através do fim do bloqueio dos empréstimos externos.

Funaro afirmou que o Brasil não precisa e nem está pedindo dinheiro novo aos bancos credores, mas sim a volta do mercado normalizado. Ou seja, se precisar de novos empréstimos ou da capitalização de parte dos juros da dívida externa, que sejam concedidos.

Nos últimos cinquenta anos, disse Funaro, os juros internacionais mantiveram-se abaixo de 1% em média e hoje, apesar da queda, ainda correspondem a 4%, o que considera ainda muito elevado.

O ministro da Fazenda afirmou que, nos últimos quatro anos, a transferência de recursos da América

Latina para o exterior foi de US\$ 100 bilhões, o que ele achou exorbitante. Ele acrescentou que o governo pleiteia lá fora apenas a rolagem da sua dívida externa e que nos últimos anos já transferiu uma soma de recursos muito grande que lhe dá o direito, hoje, de reduzir essa transferência.

## PROTECIONISMO

O protecionismo dos Estados Unidos em relação ao Brasil e a expansão da reserva de mercado no País foram criticados ontem pelo presidente da Câmara de Comércio Americana do Brasil, no Rio de Janeiro, Ronaldo Camargo Veirano, durante almoço comemorativo dos setenta anos da Câmara, realizado no Hotel Glória, com a presença do ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Veirano afirmou que assiste com preocupação à tendência de se estender a reserva de mercado para outras áreas além da informática, a exemplo da bioquímica e da química fina. Ele defendeu um comércio

mais livre e aberto entre as nações, com menos barreiras e menos elementos inibidores, segundo a Agência Globo.

## CAPITAL

O presidente da Câmara do Comércio Americana assinalou que o protecionismo e a reserva de mercado poderão ocasionar turbulência no relacionamento entre o Brasil e os EUA. E acrescentou que vê ainda com preocupação a desaceleração dos investimentos anuais de capitais americanos no Brasil.

Segundo Veirano, hoje, o capital americano registrado no Banco Central (BC) é de US\$ 10 bilhões e o número de empregos criado por ele vai a mais de 500 mil e, somando-se aos investimentos, sobe para 2 milhões. Ressalvou que, com o plano de estabilização do governo, as condições para o investimento externo são favoráveis, mas frisou que é necessário que sejam criados espaços para o capital de risco no País.